

Um Encontro com Lygia Bojunga

Ninfa Parreiras

Poucos autores da literatura brasileira ficaram conhecidos internacionalmente, com traduções para dezenas de países. Lygia Bojunga é um deles. Detentora de dois prêmios internacionais, pelo conjunto da sua obra (Prêmio Hans Christian Andersen – HCA do International Board on Books for Young People – IBBY, 1982; e Astrid Lindgren Memorial Award - ALMA, 2004), todos os seus livros são também premiados no nosso país. São 22 obras em 38 anos de carreira.

Além desses reconhecimentos notáveis, Lygia é uma empreendedora das palavras. Ela gosta de experimentar, de pôr a mão na massa, de tocar as palavras e de ver como se ajeitam no papel. De brincar com as letras. Como escritora, possui uma obra voltada ao público infantil e juvenil, sim, mas também ao público adulto. Principalmente, a partir de 1988, com a publicação de ***Livro: um encontro com Lygia Bojunga***, as demais obras têm um foco voltado ao leitor adulto, pela abordagem das questões subjetivas do nosso universo. Lygia já havia trabalhado a infidelidade, o abandono, o suicídio, sob a ótica do pequeno leitor: o olhar, o escutar da criança. Nas obras da década de 90 em diante, suas personagens estão voltadas às questões do universo da maturidade adulta, mesmo quando há a retomada da infância, como em ***Fazendo Ana Paz***, por exemplo. Ao repararmos sua obra, notamos que o ponto de vista do narrador cresce com o leitor. Seus primeiros livros podem ser apreciados pelas crianças e os livros mais recentes são bem mais apreciados pelos adultos.

Os recursos que fazem de um texto literatura estão presentes na criação de Lygia (para citar alguns): o uso da verossimilhança, da metalinguagem, da intertextualidade, da metáfora, do jogo de palavras. Cada livro da autora é uma metáfora por si só: da infância, da miséria social, da vida urbana, da paixão.

Lygia experimentou a edição e a produção de livros, feitos de uma forma artesanal. Em 1996, publicou ***Feito a mão***. E em 2002 publica o primeiro livro da Casa editorial: ***Retratos de Carolina***, que administra hoje juntamente com a Fundação Casa Lygia Bojunga, aqui no Rio. A Fundação apóia e desenvolve projetos ligados ao livro, atualmente são sete projetos em atividades. Vale a pena

consultar o site e passear pelas obras e espaços:
<http://www.casalugiaboijunga.com.br>

São trabalhos e projetos muito interligados: os livros, as personagens, a Casa editora, a Fundação, a Boa Liga, o Paiol de histórias, o Novo Nicho para Santa... como se todos formassem uma unidade, nos moldes da coleção da obra literária (mesmo formato de livros, mesma cor de fundo nas capas). “Uma costura”, “um redondo”, nas palavras da autora. Um livro é independente do outro, mas também está ligado a outro por aspectos comuns (valores universais e sociais, por exemplo); uma personagem é distinta da outra, mas povoam o mesmo território de criações de Lygia Bojunga. Um projeto de vida, de autoria, de trabalhos culturais e sociais com muita coerência e dedicação!

Há uns anos, tenho ministrado cursos e oficinas para adultos sobre a obra da Lygia: grupos de leitura e de estudo. O que mais me surpreende é a afetação que a leitura de uma obra da Lygia provoca no leitor. Depois de ler um conto, uma novela, o leitor não é a mesma pessoa. As pessoas ficam surpresas ou incomodadas com alguma coisa da narrativa, a ponto de discutirem contra ou a favor do destino da personagem. Elas ficam tocadas mesmo e de maneiras diferentes. Uma inquietude gostosa. Há um mergulho apaixonado dos leitores. Alguns se sentem fazendo parte do contexto da história.

No caso do conto “Tchau”, há quem fique do lado de Rebeca; há quem fique do lado da mãe... É um conto de ruptura social e ideológica: a mudança no papel da mulher na sociedade e a mudança na configuração familiar. Ainda não presenciei um leitor sair neutro depois da leitura de “Tchau”.

Também tenho notado como as pessoas se emocionam: suas memórias subjetivas são reativadas e chega um fluxo de lembranças, de associações, de falas... O passado vem, mistura-se ao presente. A fala do leitor se mistura à fala da autora e um outro livro passa a existir: o da subjetividade de cada leitor.

Outra coisa que me chama a atenção é a generosidade da Lygia: ela revela ao leitor seus passos, seu caminhar, no “Pra você que me lê” (texto que abre ou fecha a maioria das suas obras). Ela compartilha, divide com o leitor suas dúvidas, seu processo. Aliás, sua obra se dá em processo, não planejada, construída ao longo do seu papel como transmissora da cultura brasileira, do linguajar do povo, da gente das periferias.

Questões existenciais, sociais, ideológicas... Tudo isso está presente em sua obra. Seus textos da década de 70 anteciparam os grandes problemas sociais que vivemos hoje: violência, abandono, desigualdade social... Algumas palavras de leitoras sobre seus textos:

“Mas ela subiu um morro e entrou num barraco? É igualzinha a descrição. Incrível essa autora!” (em relação ao “O bife e a pipoca”).

“Nossa! Que maldade com a menina! Mas tem mãe que é ruim assim mesmo. A Lygia mostra uma mãe bisca. Isso existe mesmo!” (sobre o conto “Tchau”). *“Parece até que a Lygia foi menino de rua! Vê isso que ela faz nos Colegas. Só quem viveu à margem, conhece a pobreza.”* (sobre **Os colegas**)

E agora, lembramos a mensagem “A troca”, publicada em **Livro: um encontro com Lygia Bojunga** e divulgada na década de oitenta como mensagem do Dia Internacional do Livro Infantil. Nela, Lygia se revela como criança, leitora, escritora, mulher, adulta, construtora, criadora, com uma linguagem poética, deliciosa de ler e de escutar. Uma generosidade com os leitores e com os livros!

Foi a partir da leitura de “A troca” que a LETRA FALANTE se dedicou por mais de 5 anos a ler, a estudar, a discutir a obra de Lygia Bojunga. Tijolo por tijolo, livro por livro. Foram alguns encontros com a Lygia, em Santa Teresa, na Boa Liga, no Salão FNLIJ do Livro, na Fundação Biblioteca Nacional...

Com aulas na Estação das Letras, no Rio de Janeiro, o grupo leu artigos e estudos sobre a autora e se dedicou a criar resenhas para todas as obras. As obras das especialistas Laura Sandroni (*De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*, editora Agir) e Vera Maria Tietzmann Silva (*Literatura infanto-juvenil: seis autores, seis estudos*, editora Cegraf e *Nas malhas da rede narrativa: estudos sobre Lygia Bojunga*, editora Cãnone) foram lidas e estudadas pelas falantes. Lemos também textos e ensaios sobre a obra da Lygia e, principalmente, os 22 livros a seguir os caminhos dessa autora tão generosa com o leitor que é Lygia Bojunga.

Em cada resenha feita aqui, a identidade da estudiosa registra os sentimentos e associações que a obra provocou. Cada resenha traz um olhar, uma tentativa de traduzir em palavras as muitas metáforas da obra de Lygia Bojunga. São muitos os encontros!

Produção das resenhas:

Barbara Andersen, Beatriz Moura, Cacau Mendes, Dilma Bittencourt, Emilia Machado, Filomena Sillman, Íris Serôdio, Laura Sandroni, Luciana Conti, Mariucha Rocha, Ninfa Parreiras, Patricia Severino (PSTRN), Regina Salamonde, Rosane Villela, Suzana Vargas, Tatiana Kauss e Vânia Salek

Edição da pesquisa:

Barbara Andersen, Beatriz Moura, Emilia Machado, Mariucha Rocha, Ninfa Parreiras, Tatiana Kauss e Vânia Salek

Agradecimento:

À Vera Abrantes, da Casa Lygia Bojunga, que sempre atende às consultas da Letra Falante com grande carinho.

Fotografias:

Boa Liga, Pedro do Rio, 2008

LETRA FALANTE conversa com Lygia Bojunga

A LETRA FALANTE se encontrou de diferentes maneiras com a autora Lygia Bojunga: em feiras de livros, na Boa Liga, na Estação das Letras, nos 22 livros da autora... Em cada encontro, uma nova palavra, uma emoção brotava com a leitura. Trazemos aqui algumas questões que fizemos à Lygia para ampliar a nossa pesquisa sobre a obra dela.

LF – Sua vida literária, digamos assim, começou ligada ao teatro: além de atriz, você escrevia textos para serem representados, especialmente na televisão. Para você, o que é mais forte nesta relação entre Teatro e Literatura?

LB - Talvez o elemento mais forte tenha sido o fato de ter sido seduzida pelos dois ao mesmo tempo, quando tinha, apenas, sete anos. Foi só me apaixonar pelos personagens criados por Lobato, que me senti atraída a inventar também alguns personagens, que fui logo tratando de botar no papel; e foi só virar a invenção em escrita, que logo me senti levada a "convocar" pequenas audiências familiares pra representar pra eles a minha turma inventada - mesmo não sabendo o que que era Teatro, da mesma maneira que não sabia o que que era Literatura. Quando, adolescente, soube, a sedução por um e por outra aumentou. E, quando, mais tarde, compreendi por inteiro que mesmo amando um, eu não podia viver sem a outra, fiz com que o "um" passasse a fazer parte da "outra", o que - me parece - resultou numa Literatura um tanto... teatral.

LF – Por falar nisso, por que você ainda não trouxe a sua obra teatral para a Casa Lygia Bojunga?

LB - Por considerá-la ainda mais insatisfatória do que a minha obra literária. Mas resta sempre a esperança de que, um dia desses, vou conseguir melhorá-la um pouco e, com isso, trazê-la pra Casa.

LF – Desde que seus livros se mudaram para a Casa Lygia Bojunga, todos assumiram uma unidade visual, ainda que diferenciada nas capas. Por que você fez essa opção e qual é o critério para a escolha das capas?

LB - Os critérios se confundem. Quando digo, como já disse várias vezes, que, antes de mais nada, o que me levou a criar a Casa editora foi a vontade de aprofundar a minha relação com o livro, quer dizer, fazer um pouco de tudo que é necessário para a feitura do objeto livro, me aventurei também em capas, ora inventando o visual eu mesma, ora usando imagens que, de uma maneira ou de outra tinham mexido comigo, ora sendo fiel a ilustradores que, no passado, já tinham criado o visual de alguns personagens ou de algumas atmosferas de meus livros. Mas, desde o momento em que pensei criar minha editora, quis que meus livros se vestissem com feitio de uma grande família. Ou melhor: de coleção.

LF – Ao visitarmos as livrarias, ficamos com a impressão de que as imagens são mais valorizadas do que as palavras nas obras literárias. O que você acha disso?

LB - Se a pergunta se refere apenas à chamada "literatura infanto-juvenil", creio que a valorização das imagens tende a ir num crescendo. Mas, se estamos falando em "literatura tout court", isto é, uma literatura que possa se tornar amiga íntima tanto do jovem quanto do adulto, sou de opinião que imagens, quando usadas, devem ocupar um espaço bastante discreto.

LF - Você já conquistou muita coisa na literatura: prêmios, traduções de seus livros, consagração da crítica literária... Será que existe algo que ela nunca lhe dará?

LB - Sabia que, mesmo formulada de maneira diferente, é justo esta pergunta que eu estou sempre me fazendo?, quer dizer: será que algum dia vai existir um livro meu que eu considere realmente bom?

Rio de Janeiro, dezembro de 2009

AS RESENHAS DAS OBRAS:

Todas as 22 obras de Lygia Bojunga estão publicadas pela Casa Lygia Bojunga, editora localizada em Santa Teresa, no Rio de Janeiro:

<http://www.casalygiabojunga.com.br/>

Os colegas (1972)

Ilustrações: Gian Calvi

Casa Lygia Bojunga, 2008

137p.

Cum laurae!

Regina Salamonde

- 5 animais: 2 cachorros viralatas (Virinha e Latinha)
- 1 cachorrinha de raça (Flor-de-Lis)
- 1 urso enorme (o Ursíssimo Voz de Cristal)
- 1 coelho com cara fechadíssima (Cara-de-pau)
- Mais 6 tatus (a família Garcia) e 1 pombo (João Carlos de Oliveira Brito)
- 1 boa porção de sincera amizade
- 1 deliciosa narrativa que une as histórias de cada um
- e acrescente-se uma gostosa linguagem que envolve o leitor para fazê-lo saborear cada vez mais...

Eis aí os ingredientes de um dos livros da obra premiada de Lygia Bojunga, autora brasileira, ganhadora dos maiores prêmios das literaturas infantil e juvenil: o cobijado e internacional Hans Christian Andersen (o Nobel da Literatura Infantil), em 1982, pelo conjunto de sua obra, indicada pela FNLIJ - seção brasileira do *International Board on Books for Young People - IBBY* e o Prêmio *Astrid Lindgren Memorial Award – ALMA* – de 2004.

É *Os colegas* a sua obra inaugural que, lançado em 1971, foi ganhador do concurso de literatura infantil do Instituto Nacional do Livro. Publicado há mais de três décadas, nele são reconhecidas características de um estilo marcante que tem intensa e rica trajetória. Com linguagem figurada, amplamente pontuada pela

metáfora, a autora faz uso de substantivos comuns – *símbolos* que, sempre presentes, vão sendo identificados pelo leitor, à medida que lhe atravessam a obra. Seria o que a especialista Vera Maria Tietzmann Silva chama de sintaxe simbólica, em *Literatura Infanto-Juvenil – seis autores, seis estudos*.

Assim **o mar** e **a praia** são empregados como lugar de prazer, lazer, local de batismo-purificação em *Os colegas*, mas também presentes em *Angélica* (1975), *Corda bamba* (1979), *Sofá estampado* (1980), nos contos “Tchau” e “O bife e a pipoca”, em *Tchau* (1984) e em *Sapato de salto* (2006).

O **túnel** é ambiente fechado, que cavado ou percorrido, conduz à liberdade. Em *Os colegas*, o túnel é cavado pelos seis tatuzinhos e conduz à liberdade dos animais em uma praia. Este túnel existe também em *Sofá estampado*.

O **bolso, bolsa, malas** são símbolos de proteção. Abrigam as vontades, as necessidades ou possibilidades de sobrevivida, os tesouros individuais. É o caso do bolso xadrez do coelho Cara-de-Pau em *Os colegas* e da bolsa amarela de Raquel. A mala no conto “Tchau”, assim como, em *A casa da madrinha* (1978), em *O sofá estampado* e *Sapato de salto*.

A **casa** é imagem uterina relacionada à gestação, aconchego, segurança, proteção, abrigo e liberdade. Os colegas constroem uma casa na praia com material que vão encontrando e ali, unidos e abrigados, projetam suas vidas. A mesma casa está em *A casa da madrinha*. É interessante notar que Lygia Bojunga, através desta metáfora, realiza neste símbolo, uma sutil diferença em *Os colegas*. Os animais do Jardim Zoológico, apesar de serem protegidos e cuidados pela instituição, portanto em casa, estão presos, porque, aí, são submissos e subjugados (casa e comida em troca de trabalho). Os colegas, perdidos, sofridos e sozinhos é que são os livres, porque têm um barraco no terreno baldio que fica na praia. Sente-se também esta mensagem na leitura da cachorrinha de raça, Flor-de-Lis. Ela é cativa quando aos cuidados de sua dona. São ricos os símbolos para sublinhar esta imagem: cheia de correntes, pulseira, casaco, laço de fita e perfumes; é livre quando foge de sua dona e, na praia, mergulha três vezes nas ondas, em um banho de mar de limpeza e purificação, depois que todos aqueles grilhões se lhe caíram, um a um, pelas areias...

Com muita propriedade, Lygia sabe inserir nessa simples narrativa algumas de suas ideias sobre os valores que gravitam em nossa sociedade, mas nunca com caráter moralizante. Pelo contrário, é muito suave, o toque é sutil, deixando,

realmente, o leitor pensar: as leis trabalhistas, a importância da educação e a força do trabalho em equipe.

Os personagens são animais antropomorfizados e os seres humanos aparecem secundariamente, conversando com eles. Existe, assim, uma história principal no plano horizontal, que narra a união de um grupo de amigos que tem um projeto de vida e de satisfação pessoal, que se cruza com uma outra no plano vertical, no qual a narrativa volta-se para os problemas interiores de cada um, como sinalizou a estudiosa Laura Sandroni em sua obra *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*, da editora Agir.

Este é mais um truque de Lygia! A genialidade da autora traz, nessa narrativa complementar, os símbolos que percorrem sua obra. A linguagem tem registro informal e coloquial, o que de maneira nenhuma empobrece o texto. Pelo contrário, emprega diferentes recursos e usos da língua, com espaços de liberdade na norma e, assim, promove a subversão do texto literário. Dessa maneira, a autora usa da metalinguagem, diálogos (sua característica predominante importada do teatro), asteriscos que remetem a notas de pé de página e parênteses que introduzem comentários ao texto.

Bruno Bettelheim, em *A psicanálise dos contos de fadas*, afirma que a criança procura, nas histórias que lê, os significados profundos de sua própria existência. A literatura infantil, porque trabalha com a linguagem simbólica, pode dar à criança respostas a seus conflitos, por meio da imaginação que leva ao seu amadurecimento psicológico. Lygia Bojunga usa o plano da fantasia para se comunicar com as crianças, aliado a outros recursos, como o antropomorfismo e metáforas, quando então estabelece uma completa integração com a forma do pensamento infantil.

Como constatamos depois de mais de trinta anos, Lygia continua se comunicando e não só com as crianças brasileiras... soube cativar outras idades e, também, outros leitores, em vários países! Sua obra abraçou o mundo. É internacional e atemporal. Porque é obra de arte!

A edição de 1971 é da época em que a autora ainda publicava seus livros fora de sua Casa. Em 2002, Lygia Bojunga criou sua própria editora (Casa Lygia Bojunga) e, a partir de então, todos os seus livros têm o mesmo formato e as capas têm o projeto gráfico (arte) de Lygia. A atual edição de *Os colegas* traz, ainda, alguns dos desenhos primorosos de Gian Calvi, que ganhou do INL, em 1971, o

primeiro lugar quanto à ilustração. As figuras não são muitas, mas tomam espaço e acompanham a frescura deliciosa do texto o que, certamente, encanta leitor de qualquer idade. E o resultado não poderia ser outro: *Os colegas* não só honra as literaturas infantil e juvenil brasileiras, mas também inaugura, *cum laurae*, a trajetória de uma brilhante obra!

Angélica (1975)

Ilustrações: Vilma Pasqualini.

Agir; MEC.

92p.

Laura Sandroni

Esta resenha de Laura Sandroni foi publicada no Caderno Família do jornal *O Globo*, em 4 de janeiro de 1976. Hoje, faz parte do livro *Ao longo do caminho*, editado pela editora Moderna em 2003.

Com o consentimento da autora, aqui a reproduzimos, como exemplo de um texto enxuto e preciso para orientar o leitor, leigo ou não, na escolha de um livro da literatura infantil.

Revelação do Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro de 1971, quando recebeu o prêmio pelo texto de *Os colegas*, Lygia Bojunga Nunes volta agora com *Angélica*, menção honrosa do mesmo concurso em 1975.

Seu livro de estreia demonstrava qualidades tais de imaginação e estilo que seria difícil superá-lo. O que ocorre em *Angélica* é um aprofundamento das ideias esboçadas, as mesmas ideias de liberdade e inconformismo colocadas em personagens que de animais só tem o nome e a forma.

Lygia Bojunga Nunes fala da vida real, dos problemas que enfrentamos diariamente e, sobretudo, dos preconceitos que nos tolhem. Seu livro é uma voz que se ergue a favor do direito de ter ideias, mesmo que sejam diversas ou opostas ao sistema vigente.

Uma cegonha descobre que sua família vive respeitada por todos, homens e bichos, graças a uma mentira: são as cegonhas que trazem os bebês. Inconformada, tenta despertar seus pais e seus irmãos para o fato de que é uma

coisa terrível conhecer-se a verdade e espalhar a mentira para os outros. Não consegue: mudar dá muito trabalho. E precisa coragem. Melhor continuar mentindo, mas gozando dos privilégios que essa mentira proporciona.

Angélica resolve ir para um país onde as cegonhas não existem. Escolhe o Brasil. Mas qual! Aqui também os adultos espalham a mesma história.

Decepcionada, fica por aqui mesmo, tocando flauta para ganhar a vida enquanto pensa no que vai fazer. Conhece Porto, um porco que mudou de nome e inventou um disfarce para fugir daqueles que o chamam de porco como se xingassem, e não o aceitam como ele é, a tal ponto que ele próprio não se aceita mais.

Há uma simpatia mútua entre os dois que se transforma em sólida amizade. Depois de muita conversa, em que cada um conta sua vida, decidem fazer teatro. A peça sobre a vida de Angélica é um achado, que vem dar um novo encanto à narrativa, propiciando à autora oportunidade de enriquecer seu texto com diálogos extremamente vivos e profundamente ricos.

As ilustrações de Vilma Pasqualini estão inteiramente integradas no espírito do texto. Essa artista realiza aqui certamente o seu melhor trabalho em livros para crianças. Seu traço é limpo, as cores vivas, ora suaves, atingem momentos de grande beleza.

Em formato grande, capa mole plastificada, a produção é cuidada, podendo-se apenas desejar que o tipo e a entrelinhagem fossem maiores para facilitar a leitura.

A história destina-se a crianças acima de dez anos, podendo, no entanto ser curtida igualmente por adolescentes e adultos.

Com *Angélica*, o INL encerra seu programa de co-edições de 1975 com chave de ouro, e a Agir começa a coleção 4 Ventos, que esperamos venha realmente trazer, para a literatura infantil, os temas atuais que nos preocupam a todos.

A bolsa amarela (1976)

Ilustrações: Marie Louise Nery

Casa Lygia Bojunga, 2005

135p.

Um novo passeio

Mariucha Rocha

“Com a bolsa amarela de Lygia Bojunga eu passeei muito. Visitei lugares onde há muito não ia e outros onde jamais fui. Aproveitei e botei dentro dela muitas coisas minhas que estavam escondidas, e eu sabia direitinho onde. Com muito custo, revi meus diários. Andavam me faltando estímulos para descobri-los outra vez.

Eu..., já tive minha própria bolsa, mas os fechos que botei nela ao longo da vida chegaram a enferrujar, à medida que eu fui deixando de abri-los. Com a Bolsa Amarela de Raquel, que ganhei de Lygia, me deu uma vontade grande de remexer em tudo. Dessa vez, eu fui guiada para a Casa de Concertos por Raquel, assim como ela foi ali pelas mãos do alfinete bebê. Amizade criada e cultivada por Raquel, o alfinete bebê, ao espetar, escrever e conduzir, foi importante na construção de sua personalidade.

Eu não, não tive coragem para enfrentar as dúvidas que iam surgindo, não me dei conta das físgadas. Só me acomodei. Por isso, esta Bolsa veio a calhar.”

Esse depoimento ficcional poderia ser a representação do ponto de vista de um adulto identificado com a profundidade de emoções encontradas na trajetória de Raquel, personagem principal desse livro de Lygia. É uma reflexão que se pode extrair de um texto rico em metáforas delineadas em diálogos criados a partir da lógica característica do pensar infantil.

Lygia tem a criança como interlocutora, numa visão complementar ao que se iniciou com Monteiro Lobato, em que “temas sérios e complexos (...) são apresentados de maneira simples e clara, por vezes didática, de modo adequado à compreensão do leitor.” (Laura Sandroni, em *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas*).

Para Lobato, fatos da vida adulta eram apresentados de forma lúdica para que os pequenos leitores pudessem compreendê-los. Já Lygia nos apresenta o pensamento infantil como veículo para a reflexão. Subvertendo a ordem, aqui é o adulto que pode aprender a conhecer a criança. E rever a criança que há nele. Nesse texto, as reflexões estão sugeridas pela vivência direta da criança, por seu pensamento, por sua fala e, por isso, ela também se faz leitora.

Em *A bolsa amarela* a história se inicia com “*Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades*”, vontades essas, continua Lygia, que “*vão crescendo*

e engordando toda vida”. No desenrolar do texto, Raquel encontra a Bolsa, que é detalhadamente descrita como o lugar ideal para ser o esconderijo de suas vontades.

Usando o recurso de história dentro da história, Lygia permite que Raquel apresente ao leitor o processo gradativo de transformação de seu pensamento infantil em adulto. Raquel cria amigos imaginários, que ocupam lugar nos diversos bolsos dentro da bolsa e que vão servir de elo entre suas vivências emocionais (o simbólico) e a convivência familiar (o real).

Com as histórias criadas e, algumas vezes, escritas por Raquel, os personagens, moradores da bolsa, vão adquirindo vida própria, enquanto suas próprias vontades e conflitos vão sendo elaborados. No último capítulo do livro, ao se despedir de seus amigos, Raquel tem um diálogo marcante com o Galo Afonso:

- *Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?*

- *Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: ‘claro, ué’.*

Ainda assim, deixando uma brecha para os imprevistos, Raquel decide manter o alfinete de fralda em sua companhia. Ou, como também costumamos chamar, o alfinete de segurança. E esse é o desenho que encerra o livro.

Com o texto claro e direto usado nas histórias de Raquel, Lygia desvenda o pensar (e sentir) da criança e torna o leitor cúmplice de suas palavras. Sua narrativa é complexa, rica, dinâmica e dolorosa, como qualquer processo de vida. O que permite identificações diversas.

Cada um com sua história.

A casa da madrinha (1978)

Ilustrações: Regina Yolanda

Casa Lygia Bojunga, 2005

167p.

Condição do cotidiano

Dilma Bittencourt

Livro-teatro. Teatro-livro. Esta é uma marca de toda obra de Lygia Bojunga. *A casa da madrinha* não é exceção. As palavras tocam os olhos e os ouvidos, através de uma narrativa oral, uma conversa informal com o leitor, cheia de imagens. A autora dá entonação à palavra como se preparasse o leitor-espectador para a cena. Como se ele ouvisse o texto. Ilustra a palavra e o transporta ao objeto vivo em suas mãos.

O compromisso da autora com a informalidade é tão acentuado que o personagem pega carona na narrativa para reiniciar o seu diálogo com o interlocutor. “E Alexandre se virou com o grito. Ficou bobo”. Fim do capítulo. “Eu fiquei bobo”. Início de outro.

Como bem define Laura Sandroni em *De Lobato a Bojunga: as reinações renovadas* (editora Agir, 1987), “a Autora usa de recursos vários, descobrindo múltiplos usos da língua e instaurando o espaço de liberdade e subversão que é o texto literário”.

Ao mesmo tempo em que inspira a criança a sobrevoos pelo lúdico, provoca reflexão através da fábula. O real e o imaginário se confundem, a toda hora, onde o limite entre os dois é a cerca que separa o sítio de Vera, protagonista da história, e a casa da madrinha, uma metáfora da esperança e do desejo. Para onde, através da lembrança e da idealização, o protagonista Alexandre escapa da difícil realidade do seu cotidiano.

A autora faz uma brincadeira com o tempo e o espaço, quando para os relógios de pulso de Vera e o relógio de pé da casa da madrinha. Como se colocasse os sonhos numa nave e a realidade ficasse esperando do lado de fora.

Será o tempo uma ilusão? E o espaço, o movimento do vazio? Onde Alexandre, Vera, a gata da capa e o pavão buscam o céu e o chão?

Outra marca da obra da autora nos remete ao neorrealismo do cinema italiano, onde o social sublinha a trama. E, ainda, o olhar interior de seus personagens nos conduz a Dostoiévski. E provoca, no leitor, a leitura do mundo em si e a leitura de si. O mundo da consciência olhado e pensado.

Lygia desmistifica temas que não fazem parte do cardápio comum dos livros para crianças. As cenas são sempre reais, mas acontecem como mágicas. Um mar de vivências bem refletidas.

A criança participa de uma brincadeira séria. Bem humorada e bem resolvida. Sem nenhuma lição de moral. Lygia trabalha o ético através dos conflitos, nas decisões e nos arrependimentos.

Fala da condição humana sem alarmismo. Sem gritos, de forma suave. Como se deslocasse a nuvem. E fotografasse o complexo sentimento humano.

Através do personagem gata da capa, a autora fala de solidão, de preconceito, de autoestima. Uma gata vira-lata que se esconde numa capa (defesa) contra o homem, o animal e os próprios gatos. Por outro lado, feliz, encontra um sótão que lhe dá abrigo e segurança. Fresta de sol. E, por fim, o poço?

Através do pavão, fala da beleza, sua utilização e exploração. E do silêncio imposto ao homem no cotidiano. Fala do poder e da propriedade. Fala do medo, do fantasma do castigo, da subserviência.

A casa da madrinha, como toda sua obra, é um convite à reflexão e ao prazer. O leitor escolhe a dose de envolvimento. E se transporta às originais e premiadíssimas histórias. Clássicos da leitura universal, sem classificações de idade e tempo.

Corda bamba (1979)

Ilustrações: Regina Yolanda

Casa Lygia Bojunga, 2003

148p.

O vazio que grita

Rosane Villela

Qual a expectativa de leitura que uma obra com o título *Corda bamba* produz?

Entre a fantasia desejada de Maria — uma menina de 10 anos criada no circo com os pais —, e a realidade repentina e crua de sua vida órfã, no apartamento da avó materna — uma senhora da sociedade, fútil e repressora —, Lygia Bojunga se apodera dos recursos da língua para transformar o fio condutor da sua história, a corda bamba, em matéria-prima de sua criação artística e aventura estética.

Numa narrativa fluida e entremeada de diálogos coloquiais, a autora, com sensibilidade, humor saboroso e ironia pertinente, coloca em cena os personagens e

transgride o caminho comum. Explora os desvios, os atalhos e as trilhas desconhecidas e faz com que a realidade invisível que os sobrevoa comunique. Comunique pela troca de sentidos, de significados, num vai-e-vem contínuo entre luzes e sombras, avanços e recuos. Em escritura de mobilidade circular, como o arco de Maria, que a equilibra. Para que as pontas do passado e do presente, na corda de sua história, a levem de encontro a si própria.

Movimento de acesso ao subconsciente de Maria, ressignificado pelo reforço dos símbolos: a corda, onde ela se sustenta com o arco, e que a faz mover-se, pelo sonho e fantasia, em direção ao enfrentamento do trauma; a janela com arco – diferente de todas as outras –, portal de entrada a sua história; o corredor, mergulho que a conduz às portas adormecidas de seu subconsciente. Portas pintadas de apenas uma cor, simbolizando fatos e emoções diferenciados de sua vida; e uma porta diferente de tamanho e de feitio, com uma porção de pinceladas, que abre para um quarto vazio. O vazio onde, finalmente liberta, Maria lançará as escolhas de sua vida, para a construção e reconstrução de sua identidade.

Qual a expectativa de leitura que uma obra com o título *Corda bamba* produz? Uma expectativa que se ultrapassa, e muito, pela apreensão dos ruídos e sinais vazios em linguagem simples e sincera. Sem prescrições, nem preconceitos reguladores.

Malabarista das palavras, Lygia faz a sua arte. Acolhe o vazio que flutua ao redor de *Corda bamba* e o preenche no leitor para que ele mergulhe e inicie a sua própria trajetória. De, também, equilibrista, copartícipe da história.

O sofá estampado (1980)

Motivos decorativos: Vilma Pasqualini

Casa Lygia Bojunga, 2006

208 p.

O livro como o sofá

Tatiana Kauss

Com um título inusitado, o livro desperta curiosidade por ter como nome um mobiliário específico. Afinal, de que será que se trata *O sofá estampado*? Ao saboreá-lo, descobrimos que diversos temas formam sua narrativa. Seu primeiro cenário, o sofá "amarelo bem clarinho, todo salpicado de flor: ora é violeta, ora é margarida, e lá uma vez que outra também tem um monsenhor" é o local de encontro dos personagens principais (que, como em outros livros de Lygia Bojunga, são bichos com jeito de gente), onde, entre silêncios e cartas, as diferenças aparecem enquanto tentam namorar.

Como pano de fundo, a estampa florida permeia a história aparentemente simples de um tatu chamado Vítor e cria elos na sua trajetória, ao tocar em assuntos sérios sem rotulá-los como assuntos de adultos ou de crianças, que é uma característica da autora. Vítor descobre um esconderijo em seu imaginário, tem o desejo de conhecer o mar, escreve cartas à sua amada e recebe mensagens em forma de bilhetes de sua avó. A morte também está lá, evidências de recursos usados pela autora em outras obras.

O livro segue abordando sentimentos interiorizados, matança dos animais, amores não correspondidos, busca pela profissão adequada a cada um, somatização de angústias, relações familiares, perdas afetivas, viagens, massificação dos meios de comunicação, alienação, discriminação, sonhos e símbolos, numa linguagem acessível com desdobramentos criativos.

A ilustração da capa é alegre. No topo há o desenho de três flores de cores distintas que representam a violeta, a margarida e o monsenhor da estampa do sofá. Abaixo, um traçado não concluído forma o contorno de Dalva, a gata, seguido de um retângulo cinza que simboliza a televisão. Menções de pontos fortes do livro. Os motivos decorativos internos deixam o livro mais delicado e valorizam visualmente seu conteúdo. A cor da capa, amarelo claro, coincide com o tom do sofá, mas é a cor de todas as obras lançadas e relançadas após a fundação da Casa Lygia Bojunga em 2002.

O sofá estampado é parte integrante do Prêmio Hans Christian Andersen de 1982, tradicional prêmio internacional de literatura para crianças e jovens. Recebeu, também, o Prêmio o Melhor para o Jovem FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) e o Grande Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes), ambos em 1980, ano de seu lançamento. Recebeu, ainda, o Prêmio Bienal Banco Noroeste de Literatura Infantil e Juvenil em 1982. Em 2004, Lygia Bojunga

recebe o Prêmio ALMA (Astrid Lindgren Memorial Award), pelo conjunto de sua obra, que é o maior prêmio mundial concedido em prol da literatura para crianças e jovens.

O livro como o sofá é ... todo salpicado de detalhes: ora é instigante ora é aflitivo, e lá uma vez que outra também tem um acalento.

Tchau (1984)

Ilustração da capa: Edvard Munch

Casa Lygia Bojunga, 2003

127p.

Perspectivas

Emília Machado e Tatiana Kauss

Olhar o mar e o horizonte que se abre generosamente ajuda a ampliar a perspectiva da vida. O livro de contos *Tchau* traz uma experiência similar quando nos propõe questões difíceis e deixa espaço para a solução. Por isso, esse livro publicado em 1984 pela primeira vez, ainda hoje, após dezessete edições, mantém o frescor e o interesse de seus temas. Nesses contos há núcleos de questões que são trabalhados pela autora em outras obras. Por exemplo: o ciúme, do conto “A troca e a tarefa”, é o mote de *Querida*, recente lançamento da autora; a perda de um amigo, do conto “Lá no mar”, é um dos assuntos de *O meu amigo pintor*. Já a fragmentação familiar de “Tchau”, abordada como um fato social, antecipa uma realidade que só agora é reconhecida.

São quatro contos independentes, embora o mar seja um elemento presente em todos eles. Parece que da imensidão das águas e do seu movimento, que ora nos traz curiosidades de outras terras, ora nos arrasta com fúria, há paralelos constantes com a nossa existência, especialmente com a sensação de esvaziamento que a solidão pode nos dar. Com isso, a autora cria cenas antológicas, como a da menina que começa a escutar os planos de partida de sua mãe enquanto constrói castelos de areia na beira do mar, que teima em derrubá-los.

Lygia é uma escritora com grande capacidade de entender e retratar os mais diversos tipos de gente e de situações. Essa matéria-prima é transformada numa

ficção de linguagem fluente, o que dá às narrativas uma preciosa naturalidade, mesmo quando a proposta é fantástica, como no caso do conto “A troca e a tarefa”. “Lá no mar” humaniza o barco, personagem principal; “Tchau” aborda problemas da ruptura familiar com traços bastante realistas, e “O bife e a pipoca” abre discussão sobre as nossas cidades partidas em favelas e bairros e a relação entre eles.

Em “Tchau”, sente-se na carne a angústia da mulher que enfrenta um tédio terrível na rotina de sua vida com o marido e deseja ardentemente se entregar a uma paixão, e a da filha pequena que se vê deixada e destituída de seu núcleo familiar. É um conto simples, construído com verossimilhança, que produz no leitor sentimentos fortes, como se ele estivesse presenciando cenas reais.

O enredo de “O Bife e a Pipoca” pode até parecer banal. Nele há Rodrigo, um menino de classe média, Tuca, um novo colega, bolsista e morador de favela, e a conflitante relação entre eles. O desenrolar dos fatos absorve o leitor como um redemoinho e a energia da linguagem coloquial é indispensável para que se possa entender o clima psicológico que envolve a história.

Um sonho azul. O mar presente. Duas janelas numa parede. “A troca e a tarefa” é um conto que se lê de uma vez, assim quase morrendo porque se esquece de respirar. Com intensidade, Lygia Bojunga escreve sobre ciúmes, rejeição, vontade de morrer, paixão platônica, solidão, transformação através da Escrita, e por fim, a morte na ponta do lápis. Um conto cheio de desejos, vontades e sentimentos, “A troca e a tarefa” é instigante do início ao fim.

“Lá no mar” mostra a amizade entre o Barco e o Pescador. Navegam sempre juntos. Um gosta de ouvir e o outro, de contar: histórias de pescador. Em mares turbulentos, encaram a morte. Depois, a calmaria traz ondas de solidão, tristeza e saudade. Até que o sol brilha mais forte e a esperança, em forma de menino, muda a maré para um tempo de recomeços. “Lá no mar” é um conto que angustia e liberta.

O livro *Tchau* ganhou nova capa ao ser publicado pela Editora Casa Lygia Bojunga, em 2003. Ao escolher para ela uma reprodução do quadro *A solitária*, de Edvard Munch, a autora pode ter pretendido revelar um sentimento que permeia os quatro contos: a solidão. A imagem é marcante e, ao livro, o difícil é dizer *tchau!*

O meu amigo pintor (1987)

Ilustrações da 22ª edição: Vilma Pasqualini

Casa Lygia Bojunga, 2006

115p.

**O meu amigo livro
ou
Amigos, quem não os tem, ou teve**

PSTRN

O meu amigo pintor nos traz a comovente história de um garoto que se depara com a amizade e descobre o mundo da arte. E a de um artista aparentemente frustrado com seus três amores: "três paixões: paixão por ela, pela pintura e pela política."

"... eu pedia tanto pra ela largar tudo e ficar comigo. Mas..."

"... não dá pra sentir que a minha pintura não tem vida?"

" - Política é mesmo uma coisa..."

Na primeira edição, a obra recebeu o título de *Sete cartas e dois sonhos*. O livro, publicado por Berlendis & Vertecchia Editores, sem paginação, vinha acompanhado de nove telas de Tomie Ohtake. Tomamos conhecimento dos fatos por meio das cartas que Cláudio escreve para a artista. E ele é uma criança que, além de nome, tem nacionalidade e idade determinada.

"...e morei a minha vida todinha em Petrópolis: Tá fazendo dez anos e meio que eu moro aqui."

Segundo Lygia Bojunga, numa nota de pé de página: "Acho que foi por isso que Cláudio começou a escrever carta pra Tomie (...) ele escrevia pra deixar na gaveta e não pra mandar. (...) Foi lá que encontrei as cartas desse menino: numa gaveta que eu inventei."

No ano de 1987 o livro, separado dos quadros, muda de nome e de editora, e abandona o recurso das cartas. Cláudio se torna uma criança de idade indeterminada. A obra passa a ser apresentada em forma de diário (no qual o dono só escreve quando está com vontade). Este recurso pode fazer com que o leitor se sinta culpado por estar invadindo a privacidade alheia e/ou imagine que Cláudio está falando diretamente com ele.

"Mas hoje, sem estar esperando nem nada, aconteceu uma coisa que mudou..."

Por meio das cores e episódios do cotidiano, o adolescente reconstrói cenas passadas. Num penetrante processo de investigação, busca entender os enigmas que rodeiam seu Amigo, as pessoas que ele conhece e seu eu interior. Numa espécie de jogo, que no decorrer da leitura valoriza, instiga e se adapta às expectativas do público, o personagem, ao contemplar desenhos e cores, cria pontes entre presente e passado. Vale-se de manobras como a narração de "pedacinhos" de cenas que viveu, e, de um jeito filosófico, indaga constantemente. Parece que sua ideologia é compreender os "por quês?!" que aparecem no decorrer de sua jornada rumo à maturidade. Somos estimulados a elaborar hipóteses.

"E por que que quando é assim todo mundo faz mistério? E fala baixo? E fica até parecendo que... por quê?!"

"Quer dizer que a Dona Clarice tinha mentido pra mim (mas por quê?!)."

"- Então não mentiu? então a notícia já não se espalhou e agora todo mundo já não está sabendo que ele..."

"...Então o meu Amigo resolvia ir... e pronto?"

"- Você não tem mais que ficar pensando nisso, Cláudio. Na sua idade a gente tem que pensar é ... Você tem outros amigos... "

Durante a narrativa, a autora (de talento inigualável e intrigante, cheia de originalidade, com espantosa linguagem própria, e ricas metáforas) aguça a curiosidade do "coitado" do leitor ("coitado" sim, pois quando se tem a felicidade de se começar a ler a obra de Lygia Bojunga* não é possível parar antes de terminar, mesmo estando de noite, a gente morrendo de sono, ou que o mundo esteja acabando).

Literalmente fígados pelo encanto do trabalho e pelo admirável talento da autora, nos rendemos à deliciosa leitura e embarcamos na contagiante imaginação do menino Cláudio, nos emocionando a cada momento vivido ou lembrado por ele, como se nós, leitores, fôssemos o próprio personagem. O drama do protagonista, dotado de sentimentalidade, nos relata ora fatos, ora afetos. Suas tentativas de compreender os fatos inexplicáveis acontecidos ao Pintor, envolvido num estranho mistério, e seu ato sem explicação, nos fazem rir e chorar.

E não é só isso: na edição de 2004, a obra vai morar na Casa Lygia Bojunga, coloca o famoso uniforme amarelo desbotado, e passa a trazer na capa um quadro com três pinturas: um barco, talvez o "Vou Contigo" da "Corda Bamba"; o segundo é difícil de ver, pois o desenho está atrás do primeiro, e recebe parte da vela do barco;

e o terceiro, um rosto, ou dois, ou três... Como *gran finale*, um gostoso diálogo da autora com o leitor, nos narrando um pouco do trajeto do livro, revelando... Bom, vamos parar por aqui, se não conto tudo.

*Atenção: se não pretende ser leitor, não se aproxime das obras de Lygia Bojunga. Sujeito a mudar de ideia.

Nós três (1987)

Ilustração da capa: Carlos Pertuis

Casa Lygia Bojunga, 2005

148p.

O mar e a morte

Íris Serodio

O livro começa e termina com um velho pescador consertando redes de pescar e contando histórias. É um movimento circular do conserto da rede e da história.

A morte está presente na narrativa, como está em vários livros da autora, em diferentes formas. Por vezes, a morte é um personagem na obra da Lygia. Em *Nós três*, há algumas páginas tarjadas de preto, o que pode significar sinal de morte e luto.

A trama é muito bem articulada, com diálogos que envolvem o leitor e o fazem viver a história.

São três pessoas envolvidas pela paixão, que se encontram numa praia deserta do litoral brasileiro: Rafaela, uma menina em férias, que mistura sonho e fantasia com a realidade; Mariana, uma escultora; e Davi, um homem de vida errante.

Com o passar do tempo, Davi se sente prisioneiro, mas não consegue ir embora, assim como o leitor se envolve com a leitura. No bom sentido, o leitor fica prisioneiro da trama.

Há elementos que carregam grande simbolismo: a flor azul e a faca. Podemos dizer que são personagens da história; estão presentes em momentos importantes

da narrativa. Por exemplo, a menina, em várias situações, está à procura da flor. E a faca é um objeto que suscita reminiscências.

Em um diálogo entre Rafaela e Davi, as palavras da autora me fazem lembrar da canção “Estrela do Mar” (*Um pequenino grão de areia*), composta por Marino Pinto e Paulo Soledade. É a história de um grão de areia que se apaixona por uma estrela. Do mesmo modo que Davi, um homem do mar, se apaixona por uma aeromoça.

A autora, uma contadora de histórias, raramente usa a palavra *olhar* e sim *o olho*. Alguns exemplos: “*o olho* dos dois se encontrou”; “*o olho* corre por tudo”; “*O olho* atravessa o vidro”; “*o olho* grudou na estrada e ela escutou lembrando”. Na contação de histórias, virar o olho significa ver além do objeto que está sendo olhado. A menina, nos momentos de medo, procura se proteger cantarolando. Ou seja, ela está virando o olho. Aqui há a personificação do olhar.

Muito interessante é a relação sutil que a autora faz entre a aranha e sua teia e o passarinho, que era livre e agora está prisioneiro, parodiando Davi, que também era um homem livre que se sente prisioneiro.

O texto é ágil, com vocabulário rico, principalmente nos relatos dos sonhos e nas fantasias da menina.

Vale notar que a capa, a reprodução de um quadro do Museu do Inconsciente, está em harmonia com o texto. E para terminar, a história volta ao velho pescador contando sobre uma mulher chamada Mariana.

Livro: um encontro com Lygia Bojunga (1988)

Fotos: Cláudia Saldanha e Maria Clotilde Santoro

Casa Lygia Bojunga, 2004

98p.

Livro – um encontro

Barbara Andersen

Lygia escreve *Livro: um encontro com Lygia Bojunga* quando a Agir, sua editora à época, a convida para acompanhar uma exposição das publicações brasileiras e estrangeiras de seus livros. Ele relata a relação de Lygia com alguns

livros que tiveram um impacto marcante em sua vida e as primeiras experiências com sua criação literária.

O embrião desta obra foi uma mensagem escrita em 1982 para o Dia Internacional do Livro Infantil, a pedido da International Board on Books for Young People - IBBY, intitulada “Livro: a troca”. Lygia, que sempre teve uma ligação muito estreita com este objeto, mesmo antes de aprender a ler, retoma o tema, expandindo-o. Sua vontade de estar mais próxima de seus leitores, de encontrá-los, ter uma interação afetiva com eles, faz com que a sua faceta atriz aflore e, ao apresentá-lo oralmente, descobre que seu livro é, na verdade, um monólogo.

Um monólogo em tom de conversa, onde conta como certos livros a marcaram profundamente, pois foram paixões arrebatadoras. Lygia vai contando os sete casos que teve e o que cada um lhe trouxe. Assim que aprendeu a ler, teve seu primeiro caso com o precursor da literatura infantil brasileira, que encanta gerações desde o início do século passado, Monteiro Lobato. Ele desperta sua imaginação. Lygia se torna uma leitora, um ser de imaginação ativa, criativa, que interage com o que lê.

Dez anos mais tarde, apaixona-se por dois escritores estrangeiros: Poe e Dostoievski. Suas escritas impregnadas de uma atmosfera opressiva, fantástica e sobrecarregadas de angústia a cativam. Ela se envolve intensamente com esse desespero. Quando Lygia não está a sós com Raskolnikov, traga o imaginário sombrio e denso dos contos de Poe.

Seu quarto caso é proibido, se envergonha de ter tido um caso tão vulgar, nem conta com quem foi. Foram muitos os livros lidos secretamente, todos muito parecidos entre si, pois seguiam a mesma receita. Quando finalmente lê o último, se sente traída e decepcionada. Com este caso descobre a forte ligação livro-leitor, a sensação de frustração lhe mostra a medida de sua parceria. Descobre que participa do livro, preenchendo as entrelinhas ou sentindo falta delas, participando, assim, da criação literária.

Com *Cartas a um jovem poeta*, de Rainer Maria Rilke, Lygia descobre que o escritor é o livro que escreve. Este livro é manuseado, sublinhado, carregado com tal intensidade que acaba por se desintegrar. É restaurado, pois o vínculo que se criou é tal que não pode ser substituído. Ele acaba, tragicamente, perecendo no mar. Para tentar consolá-la, seu namorado lê um poema de Alberto Caeiro. Enquanto durou o namoro, o caso com Fernando Pessoa, na verdade um triângulo amoroso, perdurou,

mas assim que o namoro termina, Lygia se esquece de ler seus poemas. Após dezessete anos, Lygia reencontra Pessoa, desta vez a sós, e revive as sensações e emoções do primeiro encontro.

Em “Livro – eu te lendo”, Lygia nos fala dela como leitora, e fala literalmente, pois este é o monólogo que apresenta nos palcos. Já em “Livro – eu te escrevendo”, ela nos conta, num tom bem íntimo, um pouco de sua trajetória como escritora, desde os tempos de estudante quando praticava caligrafia, passando pelos seus diários, seu gosto por dicionários, comenta alguns de seus livros e sua maneira artesanal de escrever.

Fazendo Ana Paz (1991)

Foto da capa: Léa Bojunga Mattos

Casa Lygia Bojunga, 2004

116 p.

Ana Paz é uma protagonista sem protagonismo

Luciana Conti

Não é fácil falar de *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga, porque não é fácil falar de uma narrativa densa de emoção como a da escritora gaúcha. Ao sentar-me no computador para iniciar esta resenha, tive que vencer primeiro a tentação de centrar meu texto no depoimento de como a novela de Lygia me tocou para então enfrentar o desafio de escrever sobre a narrativa da autora e dos recursos que ela usou para se comunicar com o leitor.

A Ana Paz não é uma protagonista comum. Lygia não centra seus esforços em criar uma trama para manter o interesse sobre Ana por toda a narrativa. Ela é o instrumento usado por Lygia para falar de outro protagonista: o processo de criação de um personagem. Este sim consome todos os esforços da autora. Ana Paz é uma personagem incompleta, sem passado claro e em busca de um futuro incerto. Mas é no diálogo com ela que Lygia fala de como seus personagens foram tomando corpo.

Ana Paz, destaca logo de início a autora, faz parte de uma estirpe de personagens que foge à regra de sua galeria de tipos que, segundo a própria, sempre hesitam em vir à tona. Ela, assim como Raquel, de *A bolsa amarela*,

“chegou sem a mais leve hesitação e foi dizendo: ‘Eu me chamo Ana Paz; eu tenho oito anos; eu acho o meu nome bonito’.” Mas engana-se quem pensa que a desenvoltura da personagem garantiu tranquilidade à autora.

A pressa de Ana Paz em se apresentar traduziu-se em um turbilhão de emoções em que Lygia vê-se enredada em todo o livro. A angústia gerada pelo embate autora/ personagem é o fio condutor de toda a narrativa de Lygia na novela. Ana Paz não se importa com os questionamentos de sua criadora sobre a pertinência de sua personagem e obra. Ela quer existir, ela quer ganhar corpo com a publicação da obra.

Lygia hesita. E hesita não por causa de Ana Paz. Seu problema é com o pai da protagonista que, assim como os outros personagens da autora, hesita em existir. Lygia vai e volta na narrativa em busca de um sentido para um pai perseguido pela polícia que pede à filha que não se esqueça de uma carranca. Que pai é esse, de que ele foge, o que esta carranca simboliza na relação entre pai e filha? Sem estas respostas, Lygia não vê sentido para sua obra e para sua personagem, que, assim, fica incompleta.

Mas Ana Paz, convicta de sua existência, mesmo que seu passado não esteja claro, quer viver, quer ganhar as páginas, quer ganhar autonomia. Lygia resiste até que, cansada de brigar com sua personagem, a liberta de sua crítica e transforma *Fazendo Ana Paz* em um livro sobre o processo de criação. Não à toa a autora encerra o livro com “Pra você que me lê”, em que fala de como garimpa em seu passado e em sua memória fatos que, em sua narrativa, ganham novas cores e emoções para dar vida a quem sustenta sua obra: seus personagens.

Paisagem (1992)

Ilustração da capa: Isaac Liberato

Casa Lygia Bojunga, 2004

113p.

Escrever, ler, imaginar

Tatiana Kauss

O que mais se pode dizer de uma paisagem sonhada, desenhada, e sempre

imaginada por personagens diferentes? Que era bela? Que tinha casa, campo de flores, céu azul intenso, acinzentando no mar, pedras iguais com uma diferente, pedaço de sol, barco, pedaço de areia? Que foi escrita e lida? Que é parte fundamental de uma história dentro de outra história? Que é conteúdo de um livro que leva seu nome como título?

Paisagem, de Lygia Bojunga, diz mais. Vai além de uma imagem criada. É um texto inteiro contado em paralelo a outro, valorizando os dois lados de um livro: o que o autor escreve e o que a sua leitura desperta. *Paisagem* é o lugar de encontro desses dois lados.

Para a Escritora, personagem que narra o livro, a paisagem por ela criada é cenário de seu próximo lançamento, ainda em andamento. Para dois outros personagens, o Leitor Lourenço e a Ouvinte Menina do Lado, a paisagem é o elo de sintonia entre eles e a escrita singular da Escritora, personagem esta que bem pode ser interpretada por mim, leitora, como a própria Lygia Bojunga...

Como num desenho aquarelado, há pinceladas sobre a cidade do Rio de Janeiro, o bairro Santa Teresa, favela, assalto, desemprego, classe média rebaixada, morte e reencarnação, música, imaginação, viagem, cartas, e a cidade de Londres. Como num soprar de vento, o falante Lourenço envolve o leitor com suas histórias sem fim. Há também comentários pontuais sobre machismo, salário anêmico, respeito a diferentes religiões, ligação entre as Artes.

Durante o texto, a Escritora se pergunta e investiga a coincidência da paisagem adivinhada por seu Leitor fiel, que lhe escreve para se queixar dos finais de seus livros. Ele oferece conselhos, cria um vínculo e desencadeia outras perguntas: a existência ou não da personagem Renata, se o desenho veio antes do sonho ou se foi o sonho que veio antes do desenho, o encontro do Homem e da Mulher, o som do clarinete etc.

Essas perguntas que não recebem respostas são a chave para que o livro desperte curiosidade sobre seu desfecho. Com a intenção de agradar Lourenço, a Escritora fica na dúvida de como escrever o final, e assim cria diferentes finais para as duas histórias, onde os personagens de uma passeiam pela paisagem da outra.

No "Pra você que me lê", Lygia Bojunga fala sobre o que chamou de pequena trilogia, esclarece que *Paisagem* é resultado da mistura de intenções de falar da leitura e da escrita em um mesmo livro. Pois que leitura e escrita fazem parte do processo de criação literária e já foram assunto de dois outros livros separadamente:

Livro: um encontro com Lygia Bojunga e Fazenda Ana Paz, respectivamente.

A ilustração da capa pode ser analisada como a própria paisagem descrita no texto, reprodução de uma obra de Isaac Liberato (1956), óleo sobre tela, pertencente ao acervo do Museu de Imagens do Inconsciente. Por falar nisso, será a paisagem fruto de um inconsciente coletivo?

6 vezes Lucas (1995)

Casa Lygia Bojunga, 2007

133p.

Sem açúcar, com afeto

ou

Seis vezes Lygia

Vânia Salek

Pode-se dizer, sem medo de errar, que Monteiro Lobato e Lygia Bojunga são dois marcos da literatura feita para crianças no Brasil. Vários são os pontos em comum entre esses autores – linguagem inovadora, livre trânsito entre fantasia e realidade, dentre outros – muito bem apresentados no livro *De Lobato a Bojunga: as renaixências renovadas*, de Laura Sandroni, publicado em 1987.

Se em Lobato a preocupação maior era discutir as questões do “mundo adulto” com as crianças, em Lygia, um dos focos principais é discutir as questões da criança com o mundo adulto. E uma das obras que melhor exemplifica essa preocupação é *Seis vezes Lucas*.

Publicado pela primeira vez em 1995, o livro mudou-se definitivamente para a Casa Lygia Bojunga em 2007. Tem o mesmo formato e cor das demais obras editadas pela Casa. A capa, criada pela própria Lygia, traz um enorme ponto de interrogação, cujo pingote revela um olho assustado, como se estivesse a espiar por um buraco de fechadura.

É pena que não traga o bate-papo com o leitor, nos sempre deliciosos “Pra você que me lê”.

Os seis capítulos do livro mostram seis momentos na vida de Lucas, um menino de idade não explicitada. Aborda a luta contra seus medos, o seu relacionamento com os pais e os conflitos entre os dois – pai e mãe -, resultantes do ciúme gerado pelas aventuras extraconjugais do marido.

Como acontece em outros livros da autora, a história é contada pela ótica da criança. Com a maestria que lhe é peculiar, Lygia narra os acontecimentos em frases curtas, com muitos diálogos – o que torna o texto ágil -, utilizando-se, principalmente, de substantivos e verbos.

“A mãe do Lucas saiu do banheiro e entrou apressada no quarto. Foi pra frente do espelho se pentear. Largou o pente pra lá e procurou um batom. Largou o batom quando viu o Lucas. Se abaixou:

- Quer me abotoar aqui atrás, meu amor?” (p.11)

Os fatos, então, vão se desenrolando diante dos olhos do leitor, que os acompanha como se estivesse assistindo a uma peça de teatro. Os adjetivos, usados com parcimônia, funcionam quase que como rubricas de um texto teatral. Dessa forma, caberá ao leitor/espectador emprestar suas emoções aos acontecimentos e, se assim o desejar, fazer julgamentos de valor quanto à conduta dos personagens.

A autora é tão cuidadosa no uso dos adjetivos, que o mais expressivo deles - timorato – transforma-se em personagem. Além disso, utiliza o próprio texto para fazer comentários brincalhões sobre o exercício da escrita e... o uso dos adjetivos:

“Estava impressionado de ter dançado. Admirado. Espantado. Entusiasmado. Tão cheio de *ados*, que ficou ainda mais cansado, bocejou apertado, foi botar o pijama listado e deitou pra dormir.”(p.23)

Assim como percebemos em alguns dos livros de Lygia Bojunga que a atividade artística é vista como um caminho possível para a superação de conflitos pessoais, Lucas descobre que as máscaras que ele confecciona – em casa ou nas aulas de artes plásticas – podem ajudá-lo a vencer (ou conquistar?) seus medos. Mais uma vez percebe-se a ligação da autora com o teatro, cujo símbolo são as máscaras da tragédia e da comédia.

Como em outros livros – *A bolsa amarela* e *A casa da madrinha*, para citar apenas dois -, Lygia nos mostra a criança sozinha em confronto com os adultos. Em

Seis vezes Lucas, vemos um menino medroso, que teme perder o amor do pai caso externe seus medos:

“Apertou a boca, ele não ia deixar sair soluço nenhum; apertou o olho: lágrima também não saía, pronto! ele ia ser um cara pro Pai não botar defeito: ele ia ser um herói! O Pai não tinha dito, herói é quem vence os medos que tem? Tinha ou não tinha?”(p.13)

Porém, diferentemente das obras citadas acima, em *Seis vezes Lucas* não há personagens animais com características e/ou comportamentos humanos. O cachorro que o menino ganha de aniversário não conversa com ele como o galo Afonso conversa com Raquel (*A bolsa amarela*), ou o pavão conversa com Alexandre (*A casa da madrinha*). A história de Lucas é contada de maneira “realista”, sem artifícios de natureza fantástica.

A mãe de Lucas também não se mostra capaz de ajudá-lo a vencer (ou conquistar?) os medos. Ela mesma, na maioria das vezes, não consegue se opor às atitudes do marido em relação ao filho, delegando a ele o exercício da autoridade:

“- Não vamos começar outra vez com isso, não é, meu amor? Você não viu a cara do teu pai no jantar? ele não gostou nadinha de ver você falando de novo que tem medo.” (p.12)

Já em *Angélica*, o segundo livro da autora, publicado em 1975, esse mesmo assunto era abordado – o da mulher que é dominada pelo marido, mostrando-se incapaz de externar seus desejos e pensamentos, como é o caso da Mulher-do-Jota.

A outra personagem adulta do livro é Lenor, professora de artes plásticas de Lucas, por quem ele se apaixona. Lenor conversa com o menino sobre arte e sobre o ofício de ensinar, temas que aparecem em outros livros da autora, como *Meu amigo pintor* e *A casa da madrinha*, por exemplo. Dentre os adultos, é a única pessoa a dar atenção ao menino, a única a falar “com ele assim, feito quando gente grande fala uma coisa importante um pro outro”. Lenor acaba sendo seduzida pelo pai de Lucas e promete fazer tudo para que os dois, pai e filho, sejam felizes. Lucas não diz nada, mas já dá conta de refletir: “pensei que gente grande sacava melhor.”

Assim, sem adocicar os fatos, sem dourar os acontecimentos e sem qualquer traço de pieguice, Lygia nos conta parte da trajetória de Lucas. E, ao fazê-lo, mostra ao leitor que é possível buscar algum significado para as situações de sofrimento

que a vida apresenta. O que, sem sombra de dúvida, é uma enorme demonstração de afeto em relação à infância e à própria vida.

O abraço (1995)

Ilustração da capa e vinhetas: Rubem Grilo

Casa Lygia Bojunga, 2005

96 pp.

Recriar a vida

Emilia Machado

Por que ficamos satisfeitos quando as crianças leem histórias? Para que procuramos incentivar crianças e jovens a ler? Para que tenham bom domínio de sua língua? Para que possam elaborar suas próprias ideias e expressá-las? Para quê?

Estamos na era da cultura globalizada, que atropela as individualidades com manuais para uma massificação pacífica e sem traumas. É bom ser prudente com os discursos do bem estar, pois muitas vezes tendem a assegurar a aceitação neutra dos padrões impostos de comportamento e, conseqüentemente, consolidam servidões e reforçam preconceitos.

Nada mais triste do que um espírito fraco, ignorante de suas possibilidades e entregue à condução de outros. Isso é mortal. Em *O abraço*, de Lygia Bojunga, a morte não é tema transversal e, sim, protagonista. A própria autora escreve, em clima de conversa, no apêndice da edição de 2005, sobre sua aproximação com a questão da morte e a vontade de sentir-se melhor aparelhada para a vida. Só mesmo a habilidade de um grande escritor para extrair disso a vitalidade de sua obra.

O estilo narrativo, entremeado com diálogos ágeis e concisos, de linguagem e ritmo próprios da comunicação juvenil, coloca o leitor no tempo real e cativa-o a entrar na trama. Isso torna sua assimilação da história uma experiência inteiramente particular. Assim, estabelece-se confiança com a narrativa e credibilidade com a ação, num enredo em que a fusão do fantástico e do real é tão perfeita e tão integrada que não há marco de passagem de um para o outro.

Em *O abraço*, a autora, surpreendida em um encontro com seus personagens, é levada para uma história onde um crime hediondo e suas consequências formam o tear que envolverá uma menina, sua personalidade, seus amigos e a morte, sendo que: “o guarda-roupa da morte é vastíssimo; ela usa as vestimentas mais inesperadas, se disfarça de tudo que a imaginação pode inventar” (pg.11).

A própria autora não consegue deter a personagem em suas ações. Pode o que inventamos escapar de nosso comando? Será que temos controle sobre tudo na vida? Com domínio para tratar do desconhecido íntimo e pessoal, Lygia em momento algum interpela diretamente o leitor ou lhe oferece uma explicação final.

A começar pelo título, *O abraço* provoca o uso dos sentidos e isso nos aproxima ainda mais do mistério. Em meio à narrativa, a personagem, com sede, para e bebe água. Ela conta que ouviu o silêncio e a cantoria do galo, provou leite, sentiu cheiro de capim e enfiou o pé na areia molhada, e diz: “- Tá escuro! – Eu não sabia se era cheiro de pão que eu estava sentindo. Mas tinha cheiro de terra, isso eu sabia. Eu estava sem sapato e o meu pé sentia a umidade do chão de terra. – Tá escuro!” (pg. 29). A ação transita por cenários variados e sem rigidez cronológica; vida e morte se juntam e separam, em formas livres de cores e sombras. A história se desenrola em um fôlego só, sem quebra de capítulos e com uma única pausa proposta por um grafismo, bem enigmático, antes do desfecho.

Aliás, o livro segue o padrão da Casa Lygia Bojunga, com propostas precisas para ilustração de capa e miolo. O artista plástico presente nesta obra é Rubem Grilo, um dos mais conceituados gravuristas da atualidade. Sua ilustração entra em *O abraço* com simplicidade e poucos grafismos internos, tudo em preto e branco, de acordo com o clima de charada. É a única adição visual ao enredo de fantasia e imaginação, que brinca com a realidade ao mesmo tempo que atravessa zonas nebulosas da vida.

O abraço é uma peça de arte que propicia o diálogo espontâneo sobre assuntos latentes como a morte ou o silêncio de uma infância arrombada, confundida e violentada.

Feito à mão (1996)

Ilustração da capa: Detalhe de uma almofada bordada por Margarida Bojunga Nunes

Retrato de Lygia: Carlos Scliar
Editora Casa Lygia Bojunga, 2005
148p.

Coragem para sonhar

Beatriz Moura

O livro *Feito à mão*, de Lygia Bojunga, ao ser publicado pela Casa Lygia Bojunga assume o formato e a cor característicos de toda sua obra.

Traz na capa a reprodução de um bordado de Margarida Bojunga Nunes e, antes do início da narrativa propriamente, um desenho de Lygia, feito por Carlos Scliar, especialmente para esse livro.

São as únicas ilustrações.

A conversa de Lygia sobre a obra em questão, dirigida ao leitor no "Pra você que me lê", nos dá uma idéia, muitas vezes hilária, das aventuras e peripécias que a escritora enfrenta ao resolver fazer um livro totalmente à mão, do princípio (papel e escrita) ao fim (encadernação).

Foi uma tarefa árdua, que Lygia, "metendo a mão", realizou com brilhantismo e venceu dificuldades múltiplas. Milagrosamente, 200 exemplares ficam prontos no tempo planejado.

A Lygia artesã desponta com orgulho, sem se alterar com quem muitas vezes a cercava mostrando um certo "desprezo não disfarçado pelo feito à mão"; o livro é um presente especial para todo e qualquer artesão. Mostra que trabalhos manuais são compatíveis com o pensar mais profundo e intelectualizado, e que o amor incondicional da autora pelos livros corre paralelamente ao seu lado de artesã.

Coragem para enfrentar desafios são relatos frequentes.

A primeira casinha, fruto de um galinheiro desabado, a ideia do livro feito à mão, as Mambembadas, a compra do terreno, que mais tarde se tornaria a Boa Liga, nome que reflete o sentimento imediato do seu encontro com Peter, a expõem como gente, lutadora, criativa e sem medos.

As Mambembadas mostram um trabalho pioneiro e revolucionário. Trazem uma proposta inovadora de contato de um autor com o público. Não se tem notícia de nada semelhante. Ela enfrenta o palco de cara limpa, à luz do dia, sem artifícios

de mídia ou maquiagem. A certeza e a segurança no que faz refletem sempre uma alegria imensa. Em tudo que realiza Lygia mostra um otimismo vibrante.

A eterna incógnita sobre o seu público, nas muitas Mambembadas, que apresentou por todo Brasil, lhe derretia a alma. Lygia também personifica a emoção.

Como sempre, ter um encontro com Lygia, seja por meio dos seus livros, seja pelas Mambembadas, é um deleite, um prazer sempre renovável.

Lygia é inesgotável.

A cama (1999)

Casa Lygia Bojunga, 2005

220p.

A cama

Ninfa Parreiras

No começo da década de 1970, foi exibida na TV Cultura de SP, a peça (conhecida também como teleteatro), *A cama*, de Lygia Bojunga. Até aquele momento, a autora produzia e traduzia peças e textos para teatro e TV. Foi um período em que Lygia trabalhava profissionalmente como atriz e como autora de textos. Em 1972, ela publica a obra *Os colegas*, primeiro livro para o público infantil, que recebeu, dentre outros, os prêmios do Instituto Nacional do Livro – INL e do Jabuti, da Câmara Brasileira do livro – CBL. Os textos feitos para a televisão ficaram para trás, pois Lygia se muda para Londres e dá prosseguimento à carreira de escritora de livros.

Na peça *A cama*, nos deparamos com o mesmo cenário e a mesma personagem que são utilizados mais tarde pela autora no romance homônimo. Uma cama muito imponente era uma herança de uma família outrora cheia de posses. Os herdeiros agora têm uma vida de dificuldades. A protagonista, Ana Rita, foi abandonada pelo pai da criança, o Toninho Bô, ainda grávida. Passava necessidades e o único bem que lhe restava era a Cama, de madeira de lei, de jacarandá, torneada e de porte barroco (com figuras de anjos, flores, caras...). A Cama era conhecida no Morro como “Colosso de rodas”, assim como a sua proprietária, como “Ana Rita Colosso de Rodas”. Zecão, irmão de Ana Rita, mora

com a mulher Geraldina e os três filhos num bairro suburbano. Ele havia recebido a incumbência, junto com a irmã, de não se desfazerem nunca da Cama. Se o fizessem, seriam amaldiçoados.

As cenas são trágicas, como os confrontos entre os irmãos; e, no fundo, percebe-se um humor fino e leve, como a figura de Toninho Bô, um malandro de sapatos brancos, calças de boca larga e corrente dependurada no pescoço. A fotografia do Morro está chocante, ao mostrar a miséria e o abandono. O diretor Benjamin Catan cuidou das cenas externas (as vielas, os becos, com esgoto escorrendo e as crianças seminuas brincando e os animais como bode, gato e cão, que estão presentes com naturalidade) e das internas (o barraco-quarto de Ana Rita com a gigantesca Cama dentro e o bar do Morro). É como se sentíssemos o cheiro e os ruídos do Morro, bem de pertinho. A música de fundo foi bem escolhida, assim como a composição barroca que toca ao aparecer a Cama. Os atores estão excelentes em seus papéis, expressam sentimentos nas ações e paixão nas falas.

Em contraponto, temos o romance, em dez capítulos, dos quais o capítulo “A cama no Morro” tem semelhanças com a peça. Publicado em 1999, é um gérmen para entendermos a obra de ficção de Lygia Bojunga. Atualmente, *A cama* está publicado pela Casa Lygia Bojunga, onde estão todas as 22 obras da autora. O que falta morar na Casa Editora são as duas adaptações para o teatro: *O pintor* e *Nós três*.

Lygia costuma falar, em depoimentos e entrevistas, que no seu processo de escrita as personagens nascem primeiro, antes mesmo das narrativas ou das cenas. Isso confirma a vivacidade das histórias criadas por ela. No romance, há outras personagens vivazes, assim como conflitos e situações.

A Cama é resgatada pela memória dos parentes e segue um trajeto de decadência, de intrigas e de paixões. É curioso como há dualismos associados a ela: vida e morte; prosperidade e falência; pobreza e riqueza; compra e venda; lucro e prejuízo; união e desunião; admiração e frustração... A autora envolve as personagens nessas questões, sem estereótipos ou reduções. Uma mesma personagem compra, depois vende a Cama; tem prejuízo, depois tenta o lucro, como Elvira, mãe de Petúnia e de Rosa. Ou seja, há ambiguidade, há dúvidas, há arrependimentos...

Depois que a Cama sai do Morro, comprada por Elvira como um presente para a filha, ela vai para um apartamento/estúdio, para um antiquário, no Jardim

Botânico, para uma casa no Grajaú e... Além desses diferentes espaços físicos, a Cama se desloca por espaços afetivos, como a raiva e a disputa das irmãs Rosa e Petúnia.

De fato, a Cama, como uma personagem, é um recurso de animização/antropomorfização, também utilizado pela autora em obras anteriores, em que ela dá vida a animais (como os cães na obra *Os colegas*; o tatu e a gata na obra *Sofá estampado* e a cegonha e o porco na obra *Angélica*) e a objetos (como o sofá estampado na obra homônima, a bolsa amarela e o alfinete na obra *A bolsa amarela*). Com isso, podemos ver a Cama como o símbolo da vida e da morte. Ela personifica a vida, a morte, o amor, as rupturas. É o lugar onde as pessoas passam a maior parte da vida; no romance, ela representa a tradição familiar, a possibilidade de perpetuação e de sucesso, a promessa de algo melhor. A Cama é a história e faz história. Podemos ver a Cama como um objeto (de admiração, de desejo, de repulsa...; que pode ser herdada, dada, vendida, comprada, doada) e como um sujeito (que promete o bem, que demanda sacrifícios).

Na obra, nota-se uma abordagem de problemas sociais relacionados à decadência familiar, à deterioração da vida urbana, à existência de favelas, ao abandono de mulher com filho pequeno. Aparecem nas entrelinhas do texto que tem a Cama como representante desses aspectos. Tão presentes e atuais na nossa vida. Como se a Lygia, na década de 1970, tivesse antecipado muitos dos problemas que vivemos hoje.

Em relação às questões existenciais das personagens, também relacionadas à Cama, ou condicionadas a ela, temos uma gama de afetos. Por exemplo, Petúnia, uma adolescente apaixonada pela vida, que descobre o amor e tem uma relação de doação com a Cama. Ela quer a Cama, para conquistar o Tobias, sem pensar em lucro financeiro, mas num investimento de afetos. Rosa é passiva tal qual a Cama, mas a vê como um objeto sagrado. A Cama, para Jerônimo, é uma ofensa, uma invasão da privacidade. Para Elvira, a Cama está associada ao lucro. Américo vê na Cama um objeto de amor, mais uma tentativa para conquistar a filha. Para Zecão, a Cama está associada a uma promessa e a uma maldição. E para Maria Rita, a Cama é a salvação, é o que resta mesmo. Já Tobias passa a ver a Cama como um objeto de curiosidade, como uma forma de se relacionar com o pai. Desse modo, podemos supor que a Cama se confunde com as pessoas, como se para cada personagem, ela representasse uma economia de afetos.

A Cama, como um objeto ou um sujeito, fica no compasso de espera, na expectativa de que algo vai acontecer, à espera da ação dos outros. Essa representação simbólica está muito próxima da perspectiva social em que vivemos: à espera de mudanças. Por isso falamos que o olhar de Lygia é sensível aos problemas sócio-culturais brasileiros e antecipou com habilidade literária muitos dos fantasmas que nos perseguem hoje: a violência urbana, o abandono social e a decadência da família como uma instituição. A Cama, assim, é o fantasma de um abismo social, moral, político e cultural do qual fazemos parte. Ela é objeto e é sujeito: das nossas falências, das nossas ilusões, dos nossos compromissos, das nossas misérias – humanas e sociais.

O Rio e eu (1999)

Ilustração da capa: Zizi Sapateiro

Casa Lygia Bojunga, 2005

95p.

Carioca de coração

Filomena Sillman

Lygia Bojunga nasceu em Pelotas, Rio Grande do Sul, onde passou sua primeira infância. Aos oito anos de idade, veio com a família morar no Rio de Janeiro. Apaixonada pela literatura desde criança, como podemos verificar nos relatos da obra *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*, tornou-se uma escritora consagrada e reconhecida internacionalmente.

Escreveu vários livros, muitos deles traduzidos em diferentes idiomas. Ganhou diversos prêmios nacionais e internacionais, pelos seus trabalhos literários. No dia 26 de maio de 2004, em Estocolmo, recebeu, das mãos da princesa Victória, o prêmio Alma, considerado o maior prêmio internacional de literatura infantil, pelo conjunto de sua obra. O prêmio é outorgado, anualmente, pelo Governo da Suécia, em três categorias: escritor, ilustrador e promotor de leitura. Excepcionalmente em 2004, o prêmio em valor financeiro foi todo recebido por Lygia.

O prêmio possibilitou a criação da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, em Santa Teresa, bairro antigo e turístico da Cidade Maravilhosa, onde são editados seus livros e onde moram todos os personagens inventados por ela.

Em *O Rio e eu*, romance publicado em 1999, a autora narra, numa linguagem coloquial, uma história de memória tão presente na sua vida. Os relatos minuciosos da carioca Maria da Anunciação, empregada doméstica da família, fizeram com que brotasse no coração da protagonista um amor intenso pelo Rio de Janeiro.

Lygia casou-se com um inglês e passou a ter casas no Brasil e na Inglaterra. As comparações entre o Rio e Londres foram inevitáveis. A escritora compartilha com o leitor a luta psicológica do descontentamento com a violência, poluição, desmatamento, injustiça social, saudades do Rio antigo. Ela chegou a insinuar em abandonar a cidade de vez.

Um dos aspectos interessantes das comparações entre Rio e Londres é a forma da narrativa, na qual o leitor pode sentir como se a autora estivesse amando duas cidades, dois personagens ao mesmo tempo.

Lygia acabou optando pelo Rio: não podia mais ficar longe do clima, da espontaneidade, da alegria dos cariocas. A cidade também lhe oferece um campo amplo de trabalho.

Atualmente, os livros de Lygia Bojunga são todos padronizados em cor creme, formato retangular, leves, impressos com letras pretas legíveis, costurados, pouco ilustrados, com mais ênfase nas capas. São edições práticas para o manuseio e o transporte.

O livro *O Rio e eu* é confeccionado em papel pólen bold, miolo, capa colorida em cartão supremo, e traz como lustração da capa a reprodução do quadro “Cristo ecológico,” de Zizi Sapateiro, obra pertencente ao acervo do Museu Internacional de Arte Naïf do Brasil – MIAN. Retrata a decadência da flora, e da fauna brasileiras. Um machado cravado numa das árvores me fez lembrar a morte de Jesus Cristo. Por conveniência, as autoridades da época não deram devida importância à vítima. Talvez estejamos repetindo o mesmo descaso com a mãe natureza. Esta capa é um verdadeiro protesto contra as ameaças que a Cidade Maravilhosa sofre.

Retratos de Carolina (2002)

Foto: Peter

Casa Lygia Bojunga, 2002
232p.

Retratos de Carolina

Suzana Vargas

Dividido em duas partes, *Retratos de Carolina* acompanha a infância e amadurecimento da personagem principal, seus conflitos pessoais e familiares, numa ousada viagem pelo universo infantil e adulto. Livro pouco comentado à época de seu lançamento, está a merecer uma análise mais detida de suas propostas. Entre elas a de falar/discutir, sem rodeios ou exageradas dramaticidades, sobre temas pouco pensados ou explicitados para adultos e adolescentes. Uma nova e mesma Lygia surge nesses retratos, em que surpreendentemente invade a cena na segunda parte, na qual conversa com sua personagem que, por sua vez, opina sobre sua própria história, insistindo na construção de um novo final, invadindo um novo enredo que sua autora começa a arquitetar.

Ousadia e inventividade, em uma narrativa onde diálogos e descrições estão impregnados de aguda teatralidade - marca principal de sua extensa obra - a autora mergulha no universo adolescente e adulto com a mesma intensidade de livros como *O meu amigo pintor* ou os que a tornaram mais conhecida, *A bolsa amarela* e *A casa da madrinha*. Livros dirigidos ao público infantil dirão alguns, mas a literatura de Lygia Bojunga (como de resto, toda boa literatura) não tem e nunca terá endereço certo.

O que faz a diferença nesta delicada história é a forte presença da metalinguagem e da autora gerando - no momento em que ela resolve aparecer - quase um ensaio sobre a criação, a própria criadora e suas criaturas. Nesta etapa, lembramos um pouco, ou muito, seus relatos de *Livro: um encontro com Lygia Bojunga*.

Nesses retratos, não somente conhecemos as dores e as delícias de Carolina, como as dificuldades da autora em se desvencilhar de seus enredos, biografia e personagens para seguir adiante com novos trabalhos.

Poético, humano, uma lição de amizade entre pai e filha, o livro pode ser considerado um prenúncio de outros que se seguiram e que transformaram a obra

da autora. Como se seus personagens tivessem crescido e agora enfrentassem as agruras e alegrias da maturidade.

Aula de inglês (2006)

Capa: Regina Yolanda

Casa Lygia Bojunga, 2006

220p.

Amores e desencontros

Beatriz Moura

Dizer que Lygia Bojunga nos surpreende a cada livro não seria nada original. Assuntos pouco comuns na literatura infantil e juvenil são trazidos à tona, e com seu linguajar tranquilo e abordagem ampla, a autora trata-os com clareza e sem preconceitos.

Aula de inglês é mais um exemplo do desenrolar surpreendente de uma história de Lygia.

A princípio, pensamos num amor não correspondido, que se encaminha para a frustração de uma conquista não consumada. Ou seria a imaturidade de um amor sem sentido?

Tudo é possível.

Lygia nos mostra uma colcha retalhada de sentimentos múltiplos, numa sucessão de desencontros, que nos faz peregrinos no universo dos amores.

Um inusitado triângulo amoroso, onde palavras são omitidas e olhares são disfarçados, faz do livro *Aula de inglês* um romance novo, tão diferente e imprevisível, que a própria autora deixa ao leitor uma opção de escolha no final da história.

Há perdas verdadeiras e imaginárias, momentos de intensa sensibilidade, insegurança, abandono, mas, principalmente, a busca eterna, constante e trabalhosa da realização de um sonho.

Os personagens, poucos e fortes, são vistos pelo enquadramento de luz e sombra de um artista que é o personagem principal, na procura constante do melhor ângulo e da melhor moldura para a cena perfeita.

A capa é o primeiro desafio. Quem é o foco? Personagem, leitor? Pouco importa. São todos parte da plasticidade de uma pintura que existe nesse livro, e que o torna mais apaixonante a cada página.

Sapato de salto (2006)

Ilustração da capa: Rubem Grilo

Casa Lygia Bojunga, 2006

276p.

Sobre a crua realidade, a alegria do corpo livre na dança

Cacau Mendes

[...] uma das vozes mais ricas da literatura questionadora de mundo que caracteriza o novo na criação literária, Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelece entre o eu e o outro. Em todos eles, a imaginação criadora (lúdico-crítica) é o motor-geratriz da efabulação. A consciência da palavra como construtora do real é a pedra angular que sustenta o seu mundo de ficção.

Nelly Novaes Coelho¹

Acompanhando a produção de Lygia Bojunga, vemos desde o início, com *Os colegas* (1972), a marca do inconformismo e da criação artística como modos de estar no mundo, questionando-o, transformando-o... Nestes mais de 30 anos desde sua estreia como escritora, observamos como Lygia vem mergulhando cada vez mais fundo, e levando a nós, leitores, em suas destemidas jornadas pelos meandros das relações humanas. As situações-limite que os personagens vivenciam sacodem o leitor, tirando a poeira das ideias preconcebidas. Não há escapismo ou hipocrisia em suas histórias: as crianças enfrentam na ficção, como na vida real, condições dramáticas, que nos provocam emoções intensas e fazem brotar um grito mudo na garganta. Mesmo assim, a autora não julga ou condena (quase) ninguém... sentimos seu intenso carinho por seus personagens: ela está ali inteira, colada com eles,

¹ **Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006. P. 496.

vivendo seus dramas e, ufa! propondo saídas inusitadas, fora de qualquer *happy end* previsível. E a saída aparece pela arte, pela imaginação criadora. Lygia transita com entusiasmo pelos universos da arte: em cada livro seu, os personagens encontram formas de expressão e solução de conflitos por meio da criação artística em diferentes campos. Aqui, em *Sapato de salto*, é a dança que espalha seu encanto sobre a crua realidade, e transforma os destinos dos personagens.

A protagonista é uma menina ainda pequena, a Sabrina, que aos 9 anos poderia habitar um mundo de histórias suaves, de acordo com o que os adultos considerariam adequado à sua idade. Nada disso: ela convive com o abandono em um orfanato, o abuso sexual, a loucura, o assassinato, a prostituição. Lygia não poupa a menina de cenas chocantes: provoca nossa revolta ao negar-lhe, no meio da história, um final feliz com a tia Inês, que a resgatara da casa onde levava uma vida de servidão e abuso; faz dela uma testemunha impotente do assassinato da tia; deixa-lhe a responsabilidade de cuidar da querida avó louca, única família que lhe restara; lança-a no mundo da prostituição como único meio de sobrevivência possível. Nem mesmo a brincadeira infantil de vestir as roupas do adulto e reproduzir seu papel na fantasia está a seu alcance: Sabrina calça os sapatos da tia, figurino de prostituta, para, como ela, vender o corpo em troca de dinheiro para garantir comida para si e sua avó. Cinderela às avessas, o sapatinho encantado transporta a menina para um mundo sórdido onde ela não deveria estar.

No entanto, longe de escrever um livro-denúncia, feroz e áspero, Lygia narra estas situações com tal fluidez e domínio de linguagem, que a humanidade das personagens prevalece sobre todos os dramas. Ela fala de muito perto, de dentro, colada com os personagens: os sentimentos estão vivos, pulsantes, e nos envolvem intensamente. Assim se mostra a possibilidade de salvação da Sabrina: na dança, a alegria do corpo livre conduzido pela música; na dança, um encontro prazeroso e espontâneo, que espalha seus benéficos efeitos sobre outros dramas paralelos (a indefinição sexual do adolescente Andrea Doria, seu amigo e parceiro de dança, que provoca a fúria do pai; o confronto entre a sutil identidade feminina e maternal da mãe, Paloma, e a brutalidade do marido). O encanto da dança renova a vitalidade de suas naturezas essenciais, reforça a possibilidade de assumirem suas identidades de maneira autônoma, e desencadeia mudanças transformadoras nas vidas de todos.

Dos vinte 1 (2007)

Casa Lygia Bojunga, 2007

262p.

Para ti que tanto li

Mariucha Rocha

Como quem joga conversa fora, você vai dizendo as palavras, desenhando as letras, escrevendo as páginas e, com muita precisão, se colocando para mim, sua leitora.

Como gosto! Sejam 20, 21 ou 22. Não sei de qual gosto mais. Na coleção todos me agradam. E você, prefere algum?

Na aprendizagem de dar vida à minha própria personagem, te estudo, te leio, releio e, um dia, quero ter, nas minhas linhas, diálogos bem ritmados como você continua criando. Acho que para isso tenho que me encontrar com seus livros mais e mais vezes, como fazemos com bons amigos.

Você me deu uma oportunidade ótima, quando idealizou e editou o seu *Dos vinte 1*, porque agora eu devo remarcar meus encontros para localizar cada uma das preferências que você citou.

E imagino esse reencontro como uma daquelas vezes que a gente revê os colegas de escola, 30 anos depois, e só conversa sobre momentos que foram marcantes. Alegres ou não.

Quando recebemos o convite pra reunião, ficamos curiosos, discutimos com nossos outros “eus”, temos dúvidas se iremos, se reconheceremos os amigos, qual o nome deste ou daquele. Mas, ao final, é grande o prazer do reencontro com nossa história.

Lembra d’ *Os colegas*, de 1972? E a *Angélica*, da turma de 1975? Meu Deus! E aquela *Bolsa amarela* da Raquel era demais! Passamos por muitas coisas! Tivemos nosso acampamento lá na *Casa da madrinha* e, naquela ocasião, alguns chegaram a ficar na *Corda bamba*. E *O meu amigo pintor*? Bem, a verdade é que *Nós três* aprontamos. Que delícia! Se tudo pudesse continuar sendo do jeito que queríamos e fazíamos!

Bem, *Dos vinte 1* pôde.

O livro foi publicado da maneira que você escolheu. Um capítulo para cada um de seus livros anteriores, contendo uma parte ou um capítulo inteiro, que mais te interessou. Isso, depois que a releitura isenta aconteceu.

Pude assim, conhecer um pouquinho do seu gosto pessoal pelos seus personagens e suas histórias.

Se existir quem não te tenha lido, é uma boa oportunidade para escolher por onde começar.

É só ler *Dos vinte 1*, escolher um critério, e buscar, entre tantas palavras expressivas, que sequência dar à leitura de seus livros.

E reler pode sempre nos dar uma nova sensação.

Pra variar, você tinha razão: livro (é) um encontro!

Querida (2009)

Casa Lygia Bojunga, 2009

234 p.

Matrioska

Vânia Salek

Ao falar sobre processo de criação, alguns autores dizem que, de início, esboçam o perfil dos personagens, mas que a história só ganha vida, de fato, quando eles (personagens) assumem o comando das ações e da narrativa, e a mão do escritor passa a ser um instrumento mecânico que se limita a registrar os acontecimentos.

A escritora Lygia Bojunga, porém, costuma dizer que seus personagens têm vida própria desde sempre, e que aparecem em sua casa quando têm alguma história para ser contada.

Pois assim que acabei de ler *Querida*, sua obra mais recente, fiquei só imaginando a chegada do Pollux na Casa da autora, em Santa Teresa, onde já residem todos os personagens de seus outros livros. O garoto chegou cheio de histórias e de urgências. Mas será que ele existia mesmo? Acho até que, para tirar essa dúvida, Lygia foi para a Boa Liga, seu sítio em Pedro do Rio, onde desenvolve alguns projetos sociais. Mas se a intenção era “fugir” do Pollux, de nada adiantou.

Um belo dia ela o vê tocar o sino do portão da casa do Pacífico - vizinho seu na serra -, um homem de vida reservada. E que era tio do menino.

Bem, não havia mais dúvida: esse livro tinha mesmo que ser escrito.

A partir desses encontros, Lygia constrói uma narrativa em *flashback*, em que as muitas histórias cabem umas dentro das outras, à semelhança de uma matrioska, aquela bonequinha russa que se abre pra surgir mais uma, e mais uma, e mais uma...

O livro em si (a matrioska maior) é estruturado como uma peça de teatro, onde há “O prólogo”, “O primeiro encontro” (ato), “O intervalo”, “O sonho” (interlúdio ou entreato), “O segundo encontro” (ato) e o “Pra você que me lê” funcionando como epílogo. A máscara, que é um dos símbolos do teatro, mostrada na capa do livro, já expressa essa ideia.

O protagonista do espetáculo é o ciúme, que se apresenta de variadas formas, poluindo as relações. Não deve ser por acaso que o Pollux associa o seu nome ao verbo poluir (“Não fica meio que parecendo que eu poluo?”) e não a “um deusinho meio à toa”, protetor dos navegantes. O que o Pollux talvez não soubesse é que o professor Julius Pólux, grego como o “deusinho”, escreveu uma obra (c. 180 d.C.) com informações interessantes sobre o teatro grego. Mas como estamos falando de Lygia Bojunga, duvido que a escolha desse nome para o menino tenha sido mera coincidência.

Dentro da grande peça que é o livro, cabe uma outra encenação, feita por Ella, uma (ex) atriz misteriosa, que representa para as estrelas usando máscaras feitas por ela mesma, e “que aderem ao rosto como uma segunda pele”. Ella encena a história de Pollux e do seu ciúme em relação à mãe, que comporta, dentro de si, a história do ciúme do Pacífico, quase idêntica à do menino.

Um dos problemas que se apresentam é que o Pollux tenta resolver seus conflitos internos inventando mentiras, nas quais ele quase chega a acreditar. A autora, porém, faz questão de mostrar, por meio das atitudes e falas do Pacífico, que a mentira não passa de uma forma de se escapar dos conflitos: quem mente, nega-se a enxergar. No entanto, quando a imaginação criadora é convertida em arte (literatura, no caso do Pollux), abre-se uma grande possibilidade de se “exorcizar problemas e emoções negativas”.

Se considerarmos o conjunto dos livros publicados da autora, *Querida* pode ser visto, mais uma vez, como a maior das matrioskas. Dentro dela, são encontrados

muitos dos temas presentes nas demais obras, como a criança e seus dramas pessoais; as desigualdades sociais; a solidariedade; o teatro como um dos instrumentos para o autoconhecimento; o processo de criação literária e sua verdadeira musa inspiradora, que é a infância; a arte como caminho de transformação pessoal. De dentro dessa matryoska saem, também, símbolos e metáforas recorrentes, como a água (no nome dos personagens), os nomes dos personagens em si (Ella, Pacífico, Pollux, Bis), os espaços abertos e fechados, o sonho, a mala que acompanha a Velha. Todos esses ingredientes literários são apresentados ao leitor no estilo personalíssimo da autora, que privilegia a oralidade da linguagem, a teatralidade da narrativa, a economia e valorização dos adjetivos – que, neste caso específico, é o próprio título do livro.

E é dessa maneira que, em *Querida*, Lygia abre, mais uma vez, a caixinha de Pandora de sua imaginação. Aquela caixinha que revela os pesadelos, mas, no fundo, guarda sempre uma esperança, ao mostrar que é possível suavizar alguns dos males que afligem a nossa condição humana.

TEXTOS DA AUTORA PARA TEATRO

Reservamos aqui um espaço para as resenhas sobre os textos que a própria Lygia adaptou para o teatro e não estão ainda publicados pela Editora Lygia Bojunga.

O pintor (1989)

Ilustração da capa: Rui de Oliveira

Agir, 1990

64p.

O pintor

Emilia Machado

O pintor é a versão teatral que Lygia Bojunga fez de seu próprio texto *Sete Cartas e Dois Sonhos*, obra que deu origem a trabalhos interessantes, alguns comentados aqui.

Sete cartas e dois sonhos narra a história da amizade de um menino por seu vizinho de prédio, que é um artista maduro, pintor de quadros e questionador da existência a ponto de decidir pelo fim da própria vida. O texto foi escrito para integrar a série “Arte para Crianças” (SP: Berlendis & Vertecchia Editores, 1982), sob inspiração de pinturas de Tomie Otake. Depois, na José Olympio Editora, foi renomeado *O meu amigo pintor*.

No teatro, *O pintor* teve montagem de Bia Lessa intitulada *Ensaio número 2 - O pintor* e conquistou os Prêmios Molière e Mambembe, em 1985.

O texto teatral recebeu duas edições pela Agir e a diferença está apenas nas capas. A primeira, de 1990, é de Rui de Oliveira, e ressalta a dor interior; a outra, de 1999, é de Roger Mello e retrata três figuras exóticas de um dos quadros do pintor: uma vestida de preto, outra de amarelo e a terceira de branco.

Aplicada como uma segunda linguagem narrativa, a simbologia das cores é consagrada em cena. No palco, o colorido aparece nas roupas dos personagens, na composição do cenário do atelier do artista e na personificação das três figuras do quadro do pintor, as mesmas da capa de Roger Mello.

O elenco é composto de um casal de crianças de dez anos, duas meninas de quinze anos e cinco adultos, que podem se revezar em alguns papéis. O tom

dramático vai do riso – com muitas propostas para graças – ao choro – com momentos de angústia e dor.

É uma peça encenada em um único ato. Todas as locações que abrigam o desenrolar da história estão presentes no palco. A luz e o som são determinantes para a mudança de ambientes e passagem do tempo. Um foco ilumina apenas a ação em cena. O som cadenciado de pedras e dados de um tabuleiro de gamão e das batidas de um relógio de parede indicam a passagem do tempo. O palco, com isso, é dinâmico e a autora tem o cuidado de definir o andamento com pausas, para que a plateia receba a gama de emoções que emanam dessa obra.

A proposta cênica é enxuta e deixa o texto em primeiro plano. A autora, que iniciou sua vida profissional como atriz, frequentemente coloca o teatro em alguma parte da história de seus personagens. Neste livro, o entrelace da obra literária com a experiência teatral da autora acontece mais uma vez. Só que, agora, Lygia, que na prosa leva o leitor para o teatro, inverte o sentido e leva o espectador a ouvir a palavra.

Nós três (1990)

Agir, 1990

67p.

Filomena Sillman

Paixão desenfreada

Barco, mar, mulher,
Férias, flor, coqueiral
Vida errante, solidão, perda
Sangue, abraço, perdão...

... são palavras que me marcaram ao ler o texto teatral *Nós três*, que só teve uma edição, em 1990, pela editora Agir. A peça começa aparentemente romântica, com personagens na praia, e torna-se dramática, comovente. Há detalhes e cenas do cotidiano que crescem com a narrativa, como por exemplo, a presença de uma faca.

O título da peça já dá uma dica para o leitor: há três personagens em cumplicidade na trama: um homem que, desde criança, levava uma vida errante; uma mulher, escultora, que optou por morar sozinha numa casa de praia do litoral brasileiro, onde vivencia uma paixão com o forasteiro, e uma menina que foi passar as férias com essa mulher, amiga da mãe.

A menina demonstrava interesse pelo ofício de escultora. A mãe dela sugeriu que a filha fosse passar uns dias na casa dessa amiga, para conhecer a arte de perto e tirar conclusões para o futuro.

Faltavam poucos dias para a menina completar onze anos, embora ela se sentisse madura. Mas, como *Chapeuzinho Vermelho*, a criança revela dados pessoais, dela e da amiga, para um estranho. Menina inocente, que desabrochava para a vida, não esperava presenciar uma realidade tão cruel com o homem com quem começava a ter afinidade. Foram dias turbulentos em plenas férias.

O leitor/espectador poderá se surpreender em alguns momentos cruciais, sentindo-se testemunha ocular da tragédia.

É interessante observar que o objeto de tensão da narrativa aparece desde o início da peça. A faca servia para cortar pão... mas levou surpresa ao turista. A flor azul que, no início, parecia simbolizar a amizade, depois... Havia, também, um pescador, que nas horas de folga, consertava redes para aumentar o orçamento. Enquanto tecia, contava histórias para quem gostasse de ouvir. Ele já tem mais uma para passar adiante...

Em 1989, Lygia transforma a obra homônima *Nós Três*, novela publicada em 1987, na peça de teatro aqui comentada. O livro traz capa ilustrada, colorida por Rui de Oliveira.

Relação das obras publicadas no Brasil até dezembro de 2009:

OBRAS (atualmente publicadas pela Casa Lygia Bojunga)	ANO	EDIÇÕES
Os colegas	1972	52 ^a .
Angélica	1975	24 ^a .
A bolsa amarela	1976	35 ^a .
A casa da madrinha	1978	20 ^a .
Corda bamba	1979	24 ^a .
O sofá estampado	1980	32 ^a .
Tchau	1984	19 ^a .
O meu amigo pintor	1987	24 ^a .
Nós três	1987	5 ^a .
Livro: um encontro com Lygia Bojunga	1988	7 ^a .
Fazendo Ana Paz	1991	7 ^a .
Paisagem	1992	7 ^a .
Seis vezes Lucas	1995	5 ^a .
O abraço	1995	6 ^a .
Feito à mão	1996	5 ^a .
A cama	1999	5 ^a .
O Rio e eu	1999	3 ^a .
Retratos de Carolina	2002	2 ^a .
Aula de inglês	2006	2 ^a .
Sapato de salto	2006	2 ^a .
Dos vinte 1	2007	2 ^a .
Querida	2009	1 ^a .
OBRAS DE TEATRO (Fora de edição)	ANO	EDIÇÕES
O pintor	1989	4 ^a .
Nós três	1990	